

A importância da poesia literária cordelista como meio folkcomunicação de divulgação da cultura popular nordestina

André Luiz da SILVA¹

Resumo

O cordel é um dos meios de divulgação da cultura popular nordestina através da literatura. Muito tradicionais, e sempre presentes nas feiras livres da região nordeste, estes folhetos na verdade são meios folkcomunicação de expressões de ideias e mensagens, utilizados pelos poetas populares, que são agentes folclóricos, que não tem acesso aos meios tradicionais de comunicação para divulgarem a sua sabedoria e também cultura popular. Tendo como base referenciais teóricos das áreas de Comunicação, Letras e a Sociologia, este artigo traz um estudo sobre: literatura, poesia, cultura popular e folkcomunicação. No final será analisado o objeto de estudo deste artigo, a importância da poesia literária cordelista como meio folkcomunicação de divulgação da cultura popular nordestina.

Palavras chave: Literatura. Poesia. Cultura popular. Folkcomunicação.

Introdução

Entre as diversas funções que a literatura desenvolve, destaca-se a divulgação da cultura, conhecimento do mundo, compromisso social, exercício de contestações, denúncia, expressão de grupos identitários e etc.

A literatura representa a realidade, desta forma ela é detentora das visões do mundo, ideologias, trazendo á tona as visões de um imaginário individual ou coletivo, o que possibilita ao leitor captar uma imaginação alheia, na audição de vozes que se diluem na percepção de universos diversificados. “A obra literária é um evento linguístico que projeta um mundo ficcional que inclui falantes, atores, acontecimentos e um público implícito”. CULLER (1999, p. 37).

A força da palavra do poeta representava a verdade e merecia respeito, além de disseminar arte e beleza, até hoje. A poesia aproxima leitores e autores, estabelece cumplicidade, inquietações, curiosidades, mas também conhecimentos,

¹ Graduado em Comunicação Social e graduando em letras. E-mail: andrecomunicacaopb@yahoo.com.br

responsabilidades, comprometem tanto malhas de criações interrompidas, como uma viagem. Esta viagem faz ultrapassar fronteiras, dissolvendo-as ou recriando-as, por isto a viagem não pode ser interrompida, ela recria identidades, prolifera diversidades e descortina pluralidades.

Neste trajeto a literatura vai apontando caminhos e abrindo entradas, quando se pode perceber trilhas escondidas no trajeto compreendido. Isto permite que numa visão geral poesia e literatura não sejam apenas privilégio da literatura ortodoxa, podendo ser incluídas formas de literatura caracterizadas como populares.

Na literatura é mais fácil um autor da metrópole chegar à periferia do que um autor da periferia chegar à metrópole. Em contrapartida isto não impede que a literatura popular, como o cordel, um veículo da folkcomunicação, transite por todos os espaços da cultura artístico-popular.

A folkcomunicação é a comunicação em nível popular, utilizada pelos agentes folclóricos, divulgadores da cultura popular, que não tem acesso as mídias tradicionais, e que para manterem vivas suas tradições utilizam os meios da folk como: artesanato, dança, música, literatura, poesia e etc. a folkcomunicação agrega grupos da sociedade rural, urbana, que utilizam os meios da folk para expressarem suas informações, ideias e anseios. “A folkcomunicação é assim a procura de intercambio de informações e manifestação, opiniões, ideias e atitudes da massa, por intermédio de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”. BELTRÃO (2004. p. 47).

É justamente estudando a cultura popular de uma determinada região, nesta pesquisa a do nordeste, que temos a oportunidade de observar os fenômenos comunicacionais, como o cordel. Na região se definem os diferentes sistemas de comunicação cultural, o intercâmbio de ideias informações, sentimentos e identidades.

Os fenômenos folclóricos identificam-se com a vida material, social e espiritual da comunidade. A folkcomunicação é um processo artesanal, mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares, que as reconhecem imediatamente, uma identidade logo percebida. Quando se viaja pelas estradas do texto novas culturas se apresentam manifestadas pelo poder do *logos*, e pela atuação do pensamento mítico.

Este artigo traz um estudo sobre cultura popular, pesquisando um dos meios da folkcomunicação, o cordel, que é um veículo de divulgação cultural. Este estudo tem o

objetivo de analisar qual a sua importância da poesia literária cordelista como meio de divulgação da cultura popular nordestina.

Poesia: A expressão maior dos sentimentos do poeta através de versos

A poesia escrita de um poeta, através da literatura, se faz e se concretiza sobre a forma do poema. O poema seria a expressão maior dos sentimentos de um poeta através de versos. O poema é um gênero textual que se constrói não apenas com ideias e sentimentos, mas também por meio do emprego de versos e de seus recursos musicais, a sonoridade e o ritmo das palavras, e de palavras com sentido figurado, conotativo. Como toda obra de arte, o poema tem uma unidade, fruto de características que lhe são próprios. A poesia reflete os estados da alma do poeta, seria um mergulho no seu eu-lírico, na sua emoção e sensibilidade para escrever sobre os temas que mechem com o imaginário do ser humano como: amor, paixão, ódio, morte, traição, liberdade e etc.

O poeta utiliza uma série de artifícios líricos para transmitir sua visão de realidade. Estes artifícios advêm do gênero lírico, um gênero literário que tem como característica ser um poema de extensão menor, que expressa o eu-lírico do poeta, seus estados da alma, com ritmo e musicalidade, apresentando concepções e reflexões onde não existe distância entre o sujeito e o objeto. No gênero lírico também observamos a existência do subjetivismo. O termo lírico advém do instrumento grego lírica, que era utilizado para acompanhar os poetas, uma união primitiva com o canto de origem individual.

Sobre o gênero lírico COUTINHO (2008, p.81) afirma que:

Entre os gêneros literários, o lírico, lirismo, também chamado poesia lírica, ou simplesmente poesia (na linguagem corrente moderna) é a forma literária em que o artista utiliza uma série de meios intermediários - os artifícios líricos - para traduzir sua visão de realidade e veiculá-la ao leitor.

Através da poesia o homem exprime seus sentimentos por meio da expressão rítmica: o verso e o canto, por isso a poesia está associada à música e à dança. A origem da poesia é individual, própria do autor, traduz suas emoções íntimas, a poesia lírica é essencialmente ritmo e musicalidade.

De acordo com CEREJA (2009, p.420) “a musicalidade que caracteriza os textos poéticos é resultado da utilização de recursos presentes na poesia de todos os tempos, tais como a métrica, o ritmo, a rima, a aliteração e a assonância”. Como o ritmo faz parte da vida de qualquer pessoa, sua presença no tecido do poema pode ser facilmente percebida por um leitor atento que é ao mesmo tempo um ouvinte.

O ritmo é formado pela sucessão no verso de unidades rítmicas resultantes da alternância entre sílabas acentuadas (fortes) e não acentuadas (fracas), ou entre sílabas constituídas por vogais longas e breves. Ao ler um poema o verso se destaca já a partir da disposição gráfica da página.

O verso seria cada linha do poema. Cada verso ocupa uma linha marcada por um ritmo específico. Verso é uma sucessão de sílabas ou fonemas que formam uma unidade rítmica e melódica, correspondente em geral a uma linha do poema. Os versos se organizam em estrofes, o conjunto de versos forma uma estrofe, dentro do qual pode surgir outro postulado métrico: a rima, ou seja, a semelhança sonora no final de diferentes versos. A organização do poema em versos seria de início, o traço distintivo do poema.

Um importante elemento que deve estar presente em um poema é a métrica, a medida dos versos, isto é o número de sílabas poéticas apresentadas pelos versos escritos pelo poeta. Para determinar a medida de um verso é necessário dividi-lo em sílabas poéticas, este procedimento tem o nome de escansão. Em razão de ter por base a oralidade, fala ou canto, a divisão silábica poética obedece a princípios diferentes dos que orientam a divisão silábica gramatical: as vogais átonas são agrupadas numa única sílaba, e a contagem das sílabas deve ser feita até a última tônica.

De acordo com o número de sílabas poéticas, os versos recebem as denominações de: monossílabo (uma sílaba), dissílabo (duas sílabas), trissílabo (três sílabas), tetrassilábico (quatro sílabas), redondilha menor ou pentassílabo (cinco sílabas), hexassílabo (seis sílabas), redondilha maior ou heptassílabo (sete sílabas), octassílabo (oito sílabas), eneassílabo (nove sílabas), decassílabo (dez sílabas), endecassílabo (onze sílabas), alexandrino (doze sílabas) e versos com mais de doze sílabas que são versos compostos de dois outros versos menores, ex: versos de quatorze sílabas, que seria equivalente a dois versos de sete sílabas; e versos de quinze sílabas, que equivalem a um de sete mais um de oito sílabas.

As normas métricas forma seguidas pelos poetas de maneira diferente em cada período literário. Ora se preferia determinado esquema rítmico, ora se mesclavam tipos de metro, ora surgia uma inovação. O modo de compor traduz a visão de mundo de uma certa época, muda o modo de vida, mudam as formas artísticas.

O soneto é uma das composições de forma fixa mais conhecida. No soneto os versos são agrupados em duas quadras (quadra é um estrofe de quatro versos), e dois tercetos (terceto é uma estrofe de três versos). O soneto geralmente desenvolve uma ideia até o penúltimo verso, e no último, considerado chave de ouro, apresenta uma síntese do que foi desenvolvido.

A norma métrica mais marcante historicamente foi o verso livre modernista, que não segue nenhum tipo de esquema rítmico preestabelecido. A métrica é de certa forma exterior ao poema. Ao compor, o poeta decide se vai ou não obedecer as leis métricas que seriam um suporte ou ponto de apoio, nada mais que isso.

Graças a criatividade e inspiração do poeta, depois de pronto o poema tem um ritmo que lhe é próprio. O ritmo pode decorrer da métrica, ou seja do tipo de verso escolhido pelo poeta, onde o poema reúne o conjunto de recursos que o poeta escolhe e organiza dentro do seu texto. Cada combinação de recursos resulta em um novo efeito, por isso cada poema cria um novo ritmo. O ritmo e musicalidade, em um poema funcionam com o objetivo de que o leitor possa ler o poema com os olhos e os ouvidos, isto é com uma organização visual e sonora.

Cultura Popular

A definição do termo cultura popular está longe de ter uma definição única, um consenso entre as ciências sociais. São diversos os significados que decorrem sobre o que significa cultura popular. São vários os aspectos e concepções que cada ciência abordar para chegar a sua definição própria. Vinda do verbo latino *colere*, cultura significa cultivo e cuidado com as plantas, os animais e tudo que se relacionava com a terra, donde, agricultura. O termo cultura também era usado para se referir ao cuidado com as crianças e sua educação para o desenvolvimento de sua qualidades e faculdades naturais; donde, pueri-cultura. O termo refere-se também ao exercício livre da razão e da vontade esclarecida.

A cultura surge como reino humano dos fins e dos valores, separado do reino natural das causas necessárias e mecânicas. “Em sentido amplo, cultura é o campo simbólico e material das atividades humanas, estudadas pela etnografia, etnologia e antropologia e também da filosofia”. CHAUI (1995, p. 14).

No mundo moderno, com o advento das sociedades capitalistas, o que é popular é necessariamente associado a fazer desprovido de saber. È justamente através do saber popular, de coisas populares que na sociedades expressa-se e reafirma-se simbolicamente a identidade da nação. Para HALL (2006, p.56) o discurso da cultura nacional não é assim tão moderno quanto aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas de modo ambíguo entre o passado e o futuro, e ao autor completa:

Ele se equilibra entre a tentação de retornar as glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção a modernidade. As culturas nacionais são tentadas algumas vezes, a se voltar para o passado, a recuar defensivamente para aquele “tempo perdido” quando a nação era grande, são tentadas a restaurar as identidades passadas.

Por mais contraditório que possa parecer são os objetos simples, do povo, artefatos, artesanatos, objetos, música, dança, vestiários, comidas, modos de pensar simplórios, rudimentares, desajeitados e deselegantes, que são reproduzidos em festas populares religiosas, tudo isto são os que reproduzimos em comemorações nacionais.

Esta cultura popular seriam as práticas herdadas pelo homem, passadas pelo grupo a qual faz parte. São costumes, danças, rituais, enfim tradições identitárias, onde o homem se reconhece costumeiramente.

Com o romantismo deliniaram-se os traços principais do que se tornou a cultura popular, são eles: o primitivismo, a ideia de que a cultura popular é retomada e preservação de tradições, que sem o povo teriam sido perdidas. O comunitarismo, que significa que a criação popular nunca é individual, mas coletiva e anônima, pois é a manifestação espontânea da natureza e do espírito do povo. O último traço seria o purismo, onde o povo por excelência é pré-capitalista, que não foi contaminado pelos hábitos da vida urbana.

Na Europa os camponeses, moradores do campo, próximos da natureza, preservando costumes, sem o contato com estranhos, os que preservam costumes primitivos em sua natureza original. Na América do Sul são os índios, as raízes da

América. Desta forma compreendemos por que o Romantismo será fonte inesgotável do populismo. A cultura popular é a guardiã das tradições, do passado.

Consoante CASCUDO (1972, p.11): “Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradição que se transmite oralmente e é definido e conservado pelo costume”. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo, cresce com os acontecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais domésticos ou nacionais. Esta cultura popular, folclórica, consiste numa cultura anônima produzida pelo homem do campo, das cidades do interior ou pela população suburbana das grandes cidades.

Alguns pesquisadores classificam a cultura popular como uma cultura inferior por se tratar de uma expressão ingênua e não intelectualizada, Mas afastada do olhar preconceituoso dos intelectuais, a cultura popular traz em si uma riqueza que compreende o artesanato, as indústrias caseiras, tudo o quanto acompanhar a tradição manufatureira. A cultura popular de um determinado povo se expressa através do folclore, o que o diferencia dos demais grupos, povos, uma cultura viva, diária, natural.

O folclore constitui o conjunto de lendas, contos provérbios, práticas e concepções transmitidas oralmente pela tradição. Vários estudiosos pensam a cultura popular como um conjunto de objetos, prática e concepções, (sobre tudo religiosas e estéticas), consideradas tradicionais que denominam como folclore.

As pessoas, os agentes folclóricos, para manterem vivas as tradições populares utilizam a folkcomunicação, a comunicação a nível popular, comunicação unitizada por estas pessoas que não tem acesso aos meios tradicionais de mídia como TV, rádio e jornal.

Folkcomunicação: a comunicação em nível popular

A folkcomunicação e disciplina científica criada por Luiz Beltrão para estudar os agentes e os meios populares de informação de fatos e expressões de ideias. Esta definição foi defendida por Luiz Beltrão em sua tese de doutoramento em 1967 na Universidade de Brasília. O objeto de estudo da folkcomunicação situa-se entre o folclore e a comunicação de massa, e se caracteriza pela utilização de mecanismos

artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural.

Os agentes da folkcomunicação são os agentes de divulgação da cultura popular, são os cantadores de coco, emboladores, repentistas, artistas das feiras livres, grupos de danças, cordelistas, grupos marginalizados, enfim artistas que tem na cultura popular suas formas de expressão, mantendo viva tradições herdadas de seus antepassados.

Outro importante estudioso da folkcomunicação, o escritor José Marques de Melo define a folk como a comunicação em nível popular. Por popular devemos entender tudo o que se refere ao povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. Mas existe um olhar muito mais complexo sobre os agentes da folkcomunicação. Os grupos que utilizam a folkcomunicação para manterem viva suas tradições folclóricas, geralmente são grupos culturalmente marginalizados, isto por serem contrários à cultura e organização social estabelecida, em razão de adotarem filosofia ou política que se contrapõem as ideias e práticas defendidas e generalizadas pela comunidade.

Diante desta realidade os grupos culturalmente marginalizados se acham apartados dos demais que, entretanto, procuram agrupar meios acessíveis ao público rural ou urbano a que se destina suas mensagens, sejam convencionais ou de folkcomunicação que manipulam com habilidade e audácia. Sobre os agentes folkcomunicacionais Beltrão (1980, p.103) afirma que até que alcancem situação privilegiada, seja pelo número de adeptos, boa organização ou afrouxamento de restrições legais, atuam na clandestinidade, e o autor completa:

Submetidos a repressão pelos agentes do governo ou dos intelectuais, que buscam minar, exercitam criativa capacidade de camuflar suas mensagens, ora usando linguagens sofisticadas e códigos específicos, ora empreendendo duplo sentido e escapando a vigilância exercida pela autoridade.

A folkcomunicação engloba o processo de intercâmbio de mensagens através dos agentes e meios ligados diretamente ao folclore, esta linguagem popular através da literatura oral e escrita desenvolveu-se entre as populações rurais e proletariados urbanos, tornando-se uma linguagem específica, que recolhe informações e se expressa somente através de agentes e meios de natureza e forma folclórica. “As classes

populares têm assim meios próprios de expressão e somente através deles é que podem entender e fazer-se entender”. BELTRÃO (2001, p.125).

Através da folkcomunicação as camadas populares organizam uma consciência comum, preservam suas culturas populares, encontram estímulo, dão expansão aos seus pensadores e artistas, se fazem presentes na sociedade suas aspirações e expectativas como divulgadores da cultura popular, como os cordelistas, que utilizam a poesia literária cordelista, para retratar todos os aspectos da cultura popular nordestina.

A importância da poesia literária cordelista como meio folkcomunicacional de divulgação da cultura popular nordestina

A poesia literária cordelista está intrinsecamente ligada à realidade nordestina. É um viés social que agrange diversos aspectos da região. Nesta literatura o Nordeste está dentro dos versos cordelistas. O cordel mergulha na problemática, na cultura, nos costumes, personagens, ditos populares. Nordeste é palavra que define o cordel. A cultura rural e urbana do Nordeste são vividas pelo cordel, isso o torna um intermediário entre a linguagem urbana e rural, na medida em que a cultura rural mergulha na cultura urbana.

O cordel é um gênero literário popular escrito frequentemente na forma rimada, originado em relatos orais e depois impresso em folhetos. Rima é a repetição de sons semelhantes, ora no final dos versos diferentes, ora no interior do mesmo verso, ora em posições variadas, criando um parentesco fônico entre palavras presentes em dois ou mais versos. As rimas podem ser externas, internas consoantes, toantes, agudas, graves, exdrúxulas, ricas e pobres.

A rima externa ocorre quando se repetem sons semelhantes no plural de diferentes versos. A rima externa acontece quando a palavra está no final de verso e a outra, com o som semelhante, está no interior do verso seguinte. A rima consoante é a que apresenta semelhança de consoantes e vogais. Já a rima toante é que apresenta semelhança na vogal tônica sem que as consoantes ou outras vogais coincidam.

Conforme o modo como as rimas se distribuem, ao longo do poema, elas podem ser cruzadas (ou alternadas), emparelhadas, interpoladas ou misturadas. Quanto à posição do acento tônico, a rima coincide com a palavra final do verso: as rimas agudas,

formadas por palavras agudas ou oxítonas; rimas graves, formadas por palavras graves ou paroxítonas; rimas exdrúxulas, formadas por palavra exdrúxulas ou proparoxítonas.

As rimas ricas e pobres são conceituadas de duas formas: a primeira forma é gramatical e a segunda fônica. A rima rica se dá entre termos pertencentes a diferentes categorias gramaticais (um substantivo e um adjetivos, um substantivo e um verbo e etc). A rima pobre ocorre entre palavras pertencentes a mesma categoria gramatical. “Pelo critério fonico a rima é pobre ou rica conforme a extensão dos sons que se assemelham. Na rima pobre, igualam-se as letras a partir da vogal tônica. Na rima rica, a identificação começa antes da vogal tônica”. GOLDSTEIN (1985, P.48).

O poeta também utiliza um artifício importantíssimo na hora de compor o verso, este artifício dá qualidade a sua obra e mostra a grandiosidade de sua criatividade, são as figuras de efeitos sonoros. As figuras mais utilizadas são; a aliteração, repetição da mesma consoante ao longo do poema. A assonância, a repetição da mesma vogal no poema. A repetição de palavras, u recurso muito frequente quando acontece sempre na mesma posição é chamada de anáfora. A anomatopéia, a figura em que o som da letra que se repete lembra o som do objeto nomeado.

Os poetas cordelistas utilizam todas estas teorias e artifícios em suas obras. Este folhetim popular remonta ao século XVI, quando o Renascimento popularizou a impressão de relatos orais, e mantém-se uma forma literária popular no Brasil. O nome tem origem na forma como tradicionalmente os folhetos eram expostos para venda, pendurados em cordas, cordéis ou barbantes em Portugal, na época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões, etc.

A literatura de cordel já existia, tendo chegado à Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI. Na Península a literatura de cordel recebeu os nomes de pliegos sueltos, Espanha, e folhas soltas ou volantes, Portugal. A história da literatura de cordel começa com o romanceiro do Renascimento, quando se iniciou impressão de relatos tradicionalmente orais feitos pelos trovadores medievais, e desenvolve-se até à Idade Contemporânea. O nome cordel está ligado à forma de comercialização desses folhetos em Portugal, onde eram pendurados em cordões, chamados de cordéis, inicialmente, eles também continham peças de teatro, como as de autoria de Gil Vicente (1465-1536). Foram os portugueses que introduziram o cordel no Brasil desde o início da colonização.

Oriunda de Portugal, a literatura de cordel chegou no balaio e no coração dos nossos colonizadores, instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador, dali se irradiou para os demais estados do Nordeste.

No Nordeste do Brasil o nome foi herdado, mas a tradição do barbante não se perpetuou. O folheto brasileiro pode ou não estar exposto em barbantes. Alguns poemas são ilustrados com xilogravuras, também usadas nas capas. As estrofes mais comuns são as de dez, oito ou seis versos. “estrofe é um conjunto de versos. Uma linha em branco vem antes, e outra, depois da estrofe, separando-a das demais partes do poema e marcando a sua unidade”. GOLDSTEIN (1985, p.48).

Os autores, ou cordelistas, recitam esses versos de forma melodiosa e cadenciada, acompanhados de viola, como também fazem leituras ou declamações muito empolgadas e animadas para conquistar os possíveis compradores. Para reunir os expoentes deste gênero literário típico do Brasil, foi fundada em 1988 a Academia Brasileira de Literatura de Cordel, ABL, com sede no Rio de Janeiro. A ABL disponibiliza um site onde estão disponíveis informações sobre cordeis, videos, projetos, blog, gravuras, matrizes, loja, videos, notícias e eventos sobre a literatura de cordel em todo o país. No site estão disponibilizadas obras dos principais cordelistas brasileiros como: Apolônio Alves dos Santos, Cego Aderaldo, Elias A. de Carvalho, Expedito Sebastião da Silva, Firmino Teixeira do Amaral, Francisco das Chagas Batista, Francisco Sales Arêda, Gonçalo Ferreira da Silva, João Ferreira de Lima, João Martins de Athayde, João Melchíades Ferreira, Joaquim Batista de Sena, José Camelo de Melo Resende, José Costa Leite, José Pacheco, Leandro Gomes de Barros, Manoel Camilo dos Santos, Manoel d'Almeida Filho, Manoel Monteiro e muitos outros.

No nordeste o cordel se difundiu pelo fato de Salvador, ser no início da colonização do Brasil, o ponto de convergência natural de todas as culturas, permanecendo assim até 1763, quando foi transferida para o Rio de Janeiro. Os poetas de bancada ou de gabinete, como ficaram conhecidos os autores da poesia literária cordelista, naquela época, popularizaram o cordel para toda a região.

Mais tarde, por volta de 1750 apareceram os primeiros vates da literatura de cordel oral. Engatinhando e sem nome, depois de relativo longo período, a literatura de cordel recebeu o batismo de poesia popular. Foram esses bardos do improvisado os precursores da literatura de cordel escrita. Os registros são muito vagos, sem

consistência confiável, de repentistas ou violeiros antes de Manoel Riachão ou Mergulhão, mas Leandro Gomes de Barros, nascido no dia 19 de novembro de 1865, teria escrito a peleja de Manoel Riachão com o Diabo, em fins do século passado.

Na segunda metade do século XIX começaram as impressões de folhetos brasileiros, com suas características próprias. Os temas incluem fatos do cotidiano, episódios históricos, lendas, temas religiosos, entre muitos outros. As façanhas do cangaceiro Lampião (Virgulino Ferreira da Silva, 1900-193, e o suicídio do presidente Getúlio Vargas (1883-1954), são alguns dos assuntos de cordéis que tiveram maior tiragem no passado. Não há limite para a criação de temas dos folhetos. Praticamente todo e qualquer assunto pode virar cordel nas mãos de um poeta competente.

Com relação ao imaginário e memória, a poesia literária cordelista reflete as vivências e a imaginação a fé e a devoção do povo do nordeste. O cordel traz histórias contadas de geração em geração, uma ligação com registros de realizações humanas. Desta forma o cordel torna-se um espaço de vivências coletivas e de retratação da cultura literária nordestina.

No Brasil, a literatura de cordel é bastante forte no Nordeste, sobretudo nos estados de Pernambuco, da Paraíba, do Rio Grande do Norte e do Ceará. Costuma ser vendida em mercados e feiras pelos próprios autores. Hoje também se faz presente em outros Estados, como Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo.

O cordel hoje é vendido em feiras culturais, casas de cultura, livrarias e nas apresentações dos cordelistas. O grande mestre de Pombal, Leandro Gomes de Barros, que nos emprestou régua e compasso para a produção da literatura de cordel, foi de extrema sinceridade quando afirmou na peleja de Riachão com o Diabo, escrita e editada em 1899.

Considerações finais

Após todo estudo que foi realizado, tendo como base a poesia, literatura, cultura popular e folkcomunicação, concluiu-se, por intermédio do auxílio do referencial teórico utilizado, que é de singular e de grande importância a poesia literária cordelista como meio folkcomunicacional de divulgação da cultura popular, isto pelos argumentos que serão defendidos na sequência. O cordel divulga a cultura popular e a identidade

nordestina, e pode ser definido como um patrimônio cultural do nordeste, isto por preservar o saber do homem da região. A poesia literária cordelista e de fácil acesso, sendo divulgada nas feiras livres, e de fácil entendimento, isto por manter uma identidade com seu público.

Na literatura cordelista o poeta emprega um canal de linguagem simples, isto por ser este o canal que ele sabe melhor operar. Desta forma o público cordelista se identifica com o cordel, enxergando suas tradições, costumes e personagens populares, o seu modo de vida refletido nas mensagens.

O poeta cordelista utiliza a linguagem verbal, a literatura escrita, artifícios como o uso da linguagem popular do homem simples do sertão, isto com o objetivo de atingir um público específico. O que inspira o poeta cordelista não é a sabedoria acadêmica, o que lhes atualiza e dinamiza, dando significado a suas obras, é a sabedoria popular. A poesia literária cordelista traz em si um discurso, o discurso da cultura popular nordestina através de versos. “Na comunicação cultural, as linguagens humanas se traduzem no discurso, ou seja, qualquer configuração de signos, utilizados na emissão de mensagens simbólicas”. BELTRÃO (2004, p. 71).

Desta forma o discurso folclórico não abrange apenas a palavra, a linguagem oral, ele abrange outros tipos de linguagem, como a linguagem escrita. Na folkcomunicação cada meio de emissão de mensagens gera seu próprio vocabulário e sua própria sintaxe.

A audiência da poesia literária cordelista e a dos grupos rurais marginalizados e dos grupos culturalmente marginalizados, pessoas simples que dominam a cultura popular, cultura esta transmitida por intermédio de tradições, costumes e que não sofre influência da cultura dominante. A cultura popular é a cultura pura, homogênea, que matém-se viva através dos agentes folkcomunicacionais que divulgam a cultura popular através de meios da folk, como o cordel.

Referências

BELTRÃO, Luís. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados/** Luiz Beltrão. - São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias** / Luiz Beltrão.- Porto alegre: EDIPUCRS, 2001.

_____. **Folkcomunicação: Teoria e metodologia**/ Luiz Beltrão de Andrade Lima. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

CASCUDO. Luís da Câmara, **1889- Seleta**. Organização, notas e estudos de Américo Oliveira Costa. Nota de Paulo Ronai. Rio de Janeiro, editora José Olympio, INL, 1972.

CEREJA, William Roberto. **Gramática reflexiva**: volume único/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. 3 ed. Refor. - São Paulo: Atual, 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e Persistência**: Aspectos da Cultura Popular no Brasil.6ª, edição, São Paulo: Editora brasiliense, 1995.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: Uma Introdução**. Tradução Sandra Vasconcellos- São Paulo: Beca Produções culturais Ltda, 1999.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**/ Afrânio Coutinho. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. **Versos, sons, ritmos** / Norma Goldstein. – São Paulo: Ática, 1985.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Ciberliteratura:

<http://www.ablc.com.br/>

<http://www.suapesquisa.com/cordel/>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Literatura_de_cordel